

# A FÉ E A RAZÃO NA POLÍTICA: CONSERVADORISMO E MODERNIDADE DAS ELITES CEARENSES

**A** costumados à interpretação coronelista, generalizada indistintamente a todos os Estados do Nordeste, somos aqui surpreendidos pela tentativa audaciosa de Josênio Parente de buscar um modelo alternativo de explicação da realidade sócio-política cearense que seja capaz de enquadrar mais satisfatoriamente a “fragilidade estrutural” das nossas elites. Afinal, mesmo que percorramos todas as bibliotecas, o fato é que, segundo o autor, “não existe um trabalho representativo sobre o *coronelismo* que tenha sido produzido a partir da realidade cearense” (p. 28). A literatura é pródiga em estudos sobre cangaço, religiosidade popular ou poder familiar, mas nunca se conseguiu traçar a história das oligarquias cearenses sem deixar grandes e inexplicáveis lacunas. No entanto, o estado do Ceará é governado há 14 anos por uma elite eminentemente empresarial, nascida da rejeição das “forças do atraso”, de perfil extremamente moderno (como quer o autor) e que no vigor de sua adolescência não deixa transparecer nenhum sinal de fragilidade.

O trabalho do professor Parente - defendido como Tese de Doutorado em Ciência Política na USP - parte do pressuposto de que a sociologia do Nordeste construiu a idéia de oligarquias estáveis e duradouras a partir do estudo acerca da economia canavieira. Essa compreensão foi equivocadamente estendida aos estados mais liga-

**DE JOSÊNIO PARENTE**

*A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses.*

Fortaleza: Edições UFC / Edições UVA, 2000.

**POR JOSÉ ESTEVÃO ARCANJO**

Professor do Departamento de Ciências Sociais  
da UFC

dos à pecuária e a culturas de sobrevivência, especialmente Ceará e Rio Grande do Norte, os quais estão quase completamente inseridos na zona de sertão de caatinga. Para compreender esses dois estados talvez seja necessário outro modelo, algo que incorpore mais particularmen-

te a dinâmica de suas economias e o papel de suas elites ao longo dos séculos.

Seu ponto de partida é o “argumento da fragilidade estrutural das elites cearenses”. Nossas elites são frágeis, heterogêneas, dependentes e localizadas, rotineiramente submetidas ao processo de “circulação das elites”, sempre que determinadas condições o permitirem. A razão principal dessa fraqueza está localizada na economia cearense, especialmente devido ao fenômeno da seca. Isso fez com que a economia cearense se organizasse muito lentamente (desde a colonização tardia) e de forma polarizada (em cidades como Icó, Aracati, Sobral, etc), favorecendo a dispersão e a desarticulação das elites. Esse fenômeno, além de seus efeitos devastadores sobre a mão-de-obra, foi também responsável pelo enfraquecimento das forças dominantes. Fragmentadas, desarticuladas e divididas, as elites quase nunca conseguiram agir com a homogeneidade e a centralização necessárias a todo processo de dominação.

A tese tem implicações severas. Até mesmo a mais famosa oligarquia cearense, sob o comando

de Nogueira Accioly, no início do século, poderia assim ser considerada uma oligarquia frágil. Manteve-se apenas enquanto encontrou apoios nacionais e foi derrubada por uma oposição sempre forte e combativa, nunca submetida.

É interessante notar que para o autor a seca, além de seus efeitos nefastos e de seu poder desarticulador de elites, teve também um enorme “impacto modernizante” na economia cearense. O combate à seca propiciou o início do processo de formação de um quadro técnico voltado para as questões regionais. Com a construção do Açude do Cedro, a fundação do IFOCS e a criação da Faculdade de Agronomia, por exemplo, iniciou-se a constituição de uma elite mais técnica, cada vez mais independente da propriedade rural, dividindo ainda mais as elites e abalando o mandonismo local.

Isso permite afirmar que as elites das regiões “subdesenvolvidas” também podem ser fortes, especialmente naqueles momentos em que se esforçam para se integrar ao sistema político-econômico nacional. Em “ambiente ideológico” favorável e a partir de uma atitude pedagógica de preparação técnica de elites é possível que as mesmas ajam de forma coesa, tendo em vista um projeto comum que extrapole inclusive seus limites regionais.

Para o autor isso aconteceu no Ceará na década de 30 e está acontecendo agora, nos anos 90, momentos em que suas elites agiram homogeneamente e chegaram a ter influência nacional incontestável. Como condição indispensável esses momentos tiveram como fundo ideológico, respectivamente, o processo de romanização dirigido pelo conservadorismo católico e o nacional-desenvolvimentismo nascido nos anos 50. Funcionaram como “escolas” de treinamento e formação de uma “elite técnica” o Círculo Católico de Fortaleza (CCF) e o Centro Industrial do Ceará (CIC). Esse processo só foi possível graças a forças articuladoras externas de grande pressão, respectivamente, o Vaticano e organismos internacionais como OEA e Banco Mundial.

Parente procura mostrar, então, como cada um desses agentes articulou sua ação. A Igreja Católica ocupou o lugar das elites, funcionando como

seu “agente de socialização e treinamento” (afirmação que mereceria tratamento mais detalhado por parte do autor). O grande ideólogo desse processo foi D. Manuel da Silva Gomes, posteriormente reforçado pelas contribuições de D. José Tupinambá da Frota, em Sobral e D. Quintino Rodrigues, no Crato. Já nos anos 90 a modernidade defendida pelo jovem empresariado do CIC somou-se à política de recursos humanos do Banco do Nordeste do Brasil, influenciada por aqueles organismos internacionais, no intuito de gerar um “elite técnica” apta a administrar racionalmente o estado. O Banco do Nordeste está na raiz da modernidade cearense. De seus quadros saíram os principais técnicos dos governos pós-86: “O BNB foi mais do que um banco de desenvolvimento, sendo a força de irradiação da ideologia de modernidade para outros setores da sociedade, destacando-se as Universidades e as próprias empresas” (p. 129).

Note-se que a semelhança entre os dois períodos é apenas estrutural, em razão de determinadas condições favoráveis à unidade e mobilização das elites. No plano ideológico, 30 e 90 são, conforme Parente, totalmente díspares. Os anos 30 são a era do conservadorismo; já com o CIC instaura-se a modernidade na política cearense.

Nesse raciocínio o período 1945 -1986 transforma-se em período de transição entre o conservadorismo e a modernidade, personificado na figura de Virgílio Távora, obstinado defensor da consolidação industrial do Ceará, porém signatário do “acordo dos coronéis” celebrado entre ele, Adauto Bezerra e César Cals. Vislumbra-se aí o início do processo de modernização: “os *coronéis* prepararam o cenário da modernidade” (p. 110).

Com a vitória eleitoral de Tasso Jereissati, em 1986, “tem início a face cearense da modernidade” (p. 152). O quarto grande estadista da história cearense (depois de Accioly, D. Manuel e Virgílio), chega ao poder sem obedecer, entretanto, uma linha de continuidade oligárquica, o que reforça a tese da “fragilidade estrutural”, permitindo que se pense que as elites cearenses circularam mais que outras. Tasso é o grande responsável pelo novo ciclo hegemônico. São características de sua

modernidade a gestão empresarial do estado, sua relação com a sociedade civil organizada, seu projeto de industrialização e sua expressão nacional.

Em todo esse processo de circulação funciona, assim como no Brasil inteiro, um sistema partidário de três bases, onde coabitam duas forças principais e uma terceira que faz a alternância de poder. Assim, já é possível ao autor vislumbrar a superação do período tassistista, a partir de dissidências no próprio bloco hegemônico. Duas figuras são apontadas como possíveis protagonistas do processo: Ciro Gomes, que age quebrando a homogeneidade do grupo e Amarílio Macedo, outro ex-presidente do CIC, que, principalmente através da criação do Pacto de Cooperação, questiona o modelo centralizado de fazer política de Tasso Jereissati.

Temos diante de nós uma tese, de fato, bem formulada e audaciosa quando procura uma interpretação global sobre a política cearense. Será uma referência indispensável a todos os estudiosos do nordeste brasileiro.

No entanto, três questionamentos nos parecem fundamentais. Em primeiro lugar, talvez fosse necessário esclarecer melhor o que Parente entende por modernidade. Não está muito claro se a modernidade do CIC ultrapassa a reforma do Estado e o projeto industrializante subordinado ou não passa do “imaginário ideológico de modernidade” que o grupo do CIC administra com extrema competência e o legítima como uma estratégia de sobrevivência.

Por outro lado, pode-se dizer que essa modernidade tem como inspiração o nacional-

desenvolvimentismo dos anos 50? O discurso hoje aponta mais para uma integração econômica mundializada bastante diferente de quatro décadas atrás. Também é difícil identificar nesse novo empresariado o apoio ao modelo estatal próprio da ideologia desenvolvimentista. Ademais, parece temeroso somar nacional-desenvolvimentismo com Banco Mundial e congêneres. Basta ver os dilemas enfrentados desde a criação da CEPAL para atestar a que seus interesses quase nunca foram coincidentes.

Por fim, talvez seja possível fazer uma leitura distinta do processo de formação da elite técnica nordestina. Inúmeros órgãos, o DNOCS por exemplo, sempre foram vistos como estruturas arcaicas, cooptadas pelas elites mais tradicionais. Se a SUDENE e o BNB tentaram se diferenciar isso não implica que tenham conseguido. Não só essa experiência de desenvolvimento regional foi capaz de forjar um quadro tecnicamente competente. Como dizem alguns analistas, muitos países precisam hoje importar técnicos para realizar o ajuste neoliberal dos anos 90; outros, como o Brasil, entretanto, já foram capazes de constituir suas equipes internas. Até que ponto tais “benebeans” não seriam espécie de *technopols* dessa mesma modernidade conservadora? Os mesmos técnicos já não superpovoaram os gabinetes da ditadura e dos coronéis? Até que ponto tiveram êxito aqueles inúmeros programas de desenvolvimento (POLONORDESTE e Cia dirigido pelos mesmos técnicos e apoiadas pelas mesmas organizações internacionais)?